

OCUPAÇÕES INDÍGENAS NOS SUBMÉDIO E BAIXO SÃO FRANCISCO: INTERSECÇÕES ENTRE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Palavras-Chave: Arqueologia, Povos Indígenas, Vale do São Francisco

Autores/as:

Kaetê Spessotto Okano (UNICAMP)

Prof. Dr. José Mauricio Paiva Andion Arruti (orientador) (IFCH/UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

Este projeto propôs uma investigação da forma como a disciplina arqueológica tem se estabelecido na região nordeste em relação às populações indígenas, tendo como recorte principal as ocupações indígenas pré-coloniais das regiões do Submédio e Baixo São Francisco, em uma interface entre antropologia e arqueologia. Esse empreendimento tem como base a análise de trabalhos publicados na década de 2010 a 2020 em três fontes de pesquisa, com a proposta de produção de uma síntese das informações arqueológicas, em conjunto a um mapeamento das características deste campo de investigação, destinados ao debate histórico, etnológico e político sobre a presença indígena histórica e pré-histórica na região.

METODOLOGIA:

Os resultados da pesquisa anterior foram tabulados em planilha contendo: autor(a); título do trabalho; link de acesso; resumo; ano de publicação; região de interesse; estado (quando possível delimitar); sítios arqueológicos tratados; universidade; orientação; grupo de pesquisa ou líder; palavras-chave; abordagem metodológica; povos indígenas relacionados; tipo de envolvimento; marcação contendo fonte pesquisada, com data e gênero do(a) autor(a). Os **tipos de envolvimento** das pesquisas com povos indígenas considerados primariamente foram **(a) objeto de interesse direto ou indireto, (b) colaboradores, (c) ambos, (d) conflitantes com o contexto da pesquisa.**

As **palavras-chaves** seguiram três eixos: **(I) Arqueologia e nordeste brasileiro; (II) Arqueologia Engajada e (III) Arqueologia e História Indígena.** Para a escolha dos termos de pesquisa, nos atentamos aos debates da área no que diz respeito à sua relação com sociedade, etnicidade, comunidades envolvidas e grupos indígenas. Considerando a ausência de unicidade na disciplina, optamos por denominar o segundo eixo como *Arqueologia Engajada*, englobando os possíveis sentidos dentro das vertentes marcadas pela preocupação primária de engajamento social. Nossa seleção segue as nomenclaturas da primeira onda de críticas à Arqueologia Pública: **arqueologia comunitária, arqueologia colaborativa, e arqueologia multivocal.** (FERREIRA, 2017:18)

No terceiro eixo, levamos em conta debates e problemáticas quanto à nomeação de populações pretéritas; à herança histórico-cultural na disciplina; e à presunção do período pré-histórico como diretamente relacionado a povos indígenas. Optamos por utilizar palavras-chaves que apontem para alguma relação com populações atuais, ou explicitem o vínculo com a História Indígena (BUENO, 2019). Desta forma, selecionamos os termos “índio”, “indígena” e “etnoarqueologia” como palavras-chave para esse eixo de pesquisa. Neste projeto, como continuação da pesquisa PIBIC da quota 2020-2021, foram analisadas as publicações da plataforma SciELO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Nos blocos de artigos retirados da SciELO, há liderança de autoria masculina, com 21 autores para 14 autoras. Destaca-se, entretanto, que os artigos

relacionados a processos antropogênicos, voltados a análises de solo e paisagens, são os com maior autoria masculina: 6 e 5 para, respectivamente, uma e duas pesquisadoras. Ao retirar esses artigos mais técnicos, tem-se maior equidade de gênero em relação a autoria: 10 pesquisadores para 11 pesquisadoras - tendência diferente a encontrada no bloco indígena da Revista CLIO Arqueológica.

Quanto à data das publicações, elas se concentram na segunda metade da década, com duas exceções, no início e no final da primeira metade da década: 2011 e 2014. O ano de 2019 tem o maior número de publicações, com 50% do total: 6 artigos de 12. Dos 12 artigos, a maioria se aproxima das comunidades indígenas apenas de forma temática ou histórica, sem se relacionar aos povos contemporâneos. A segunda maior parcela de artigos parte de interlocuções etnográficas ou de entrevistas para coletar dados, e apenas um artigo possuiu co-autoria indígena, em contexto de museologia colaborativa. (GARCÉS, 2017).

Quanto aos assuntos dos trabalhos (Tabela 1), destacam-se aqueles relacionados à museologia, dos quais 3 versavam sobre museologia colaborativa, um sobre coleções etnográficas e outro sobre etnomuseologia. Desta forma, os artigos encontrados na plataforma SciELO se distanciam daqueles encontrados na CLIO arqueológica - mais direcionados a análise material. Desses 5 artigos, apenas um se relaciona ao contexto nordestino, com co-autoria indígena do povo Kaa'por do Maranhão, imersos historicamente em disputas com seringueiros e madeireiros da região. (GARCÉS, 2017)

O artigo é fruto de um trabalho colaborativo entre Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Museu Nacional de Etnologia de Leiden (MNE) e representantes indígenas da Terra Indígena Alto Turiaçu, em um processo que envolveu uma série de diálogos e culminou na inauguração da exposição "A Festa do Cauim". Em contexto de tensões, quando perguntados sobre um possível adiamento da data da exposição, os Ka'apor recusaram, considerando de suma importância "comunicar que (...) estão vivos e lutando pelo seu território" (LÓPEZ GARCÉS et al, 2017:730). Em consonância à luta Ka'apor, sua reivindicação de fala e através dos diálogos entre os grupos e da co-curadoria da exposição, as autoras refletem sobre a

importância dos museus não apenas enquanto produtores de conhecimento, mas enquanto agentes políticos (LÓPEZ GARCÉS et al, 2017:731)¹.

Também foi encontrado um exemplo de museologia contrastante às reivindicações do povo relacionado - no caso, os Mbyá-Guarani da aldeia Tekoá Koenju (São Miguel das Missões - RS) em relação ao Museu das Missões. Ainda que haja reivindicação Guarani Mbyá do sítio arqueológico enquanto território indígena, reconhecido como referência Guarani pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), vinculando o patrimônio a povos indígenas contemporâneos, os autores observam que “o [...] principal espaço expositivo do museu [...] segue indiferente” (BAPTISTA; BOITA, 2019:193). Os autores avaliam que o museu, criado em 1940, fora fundado sobre um “paradigma jesuítico”, segundo o qual a imaginária missional teria protagonismo jesuítico e serviria apenas aos fins de conversão - ou seja, representaria apenas o simbolismo cristão.

CONCLUSÕES:

Pode-se pensar que os resultados da plataforma SciELO, ligados à outra instituição arqueológica (museus, e não necessariamente ao ensino de arqueologia), estão mais voltados à relação com o público do que os resultados observados na Revista CLIO - Arqueológica, vinculados ao curso de Arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesse sentido, pode-se imaginar que parte dos processos entre a Arqueologia e os povos vinculados aos objetos por ela encontrados estejam contidos na área museológica, o que pode ter facilitado a explicitação das relações entre os profissionais e os povos relacionados. Desta forma, são adicionados à nossa lista primária vertentes engajadas na museologia, enquanto braço da Arqueologia. De acordo com Batista e Boita, Nesse campo, as aproximações às populações indígenas vêm ocorrendo de duas formas (não excludentes): a partir de aproximações de profissionais a povos relacionados às coleções, “promovendo ressignificações, atualizações políticas ou repatriações”, dinâmicas que trazem consigo denominações como “museologia social, museologia

¹ Essa afirmação é feita a partir de citação da autoras de Duarte (1998), que cita a afirmação de Aimes (1991), de que os museus seriam “atos políticos”

colaborativa, curadoria compartilhada ou etnomuseologia” (BAPTISTA; BOITA, 2019:192); e nos museus comunitários indígenas, frutos de demandas contemporâneas das comunidades que agenciam a “musealização de suas memórias, seus objetos e desejos” (*idem*).

BIBLIOGRAFIA:

- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. **Patrimônios indígenas nos 80 anos do Museu das Missões**: etno-história e etnomuseologia aplicada à imaginária missional. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém , v. 14, n. 1, p. 189-205, Apr. 2019
- DÍAZ-ANDREU, M. História da Arqueologia: cinco perspectivas diferentes in **Arqueologia crítica e humanista**. Fonte editorial, São Paulo. 2019
- FERREIRA, L. (2017) Prefácio I In: OLIVEIRA, J. E. (2017) “Revisitando uma discussão sobre arqueologia, identidade étnica e direitos territoriais dos povos indígenas no Brasil” In: CAMPOS, J; RODRIGUES, M. FUNARI, P.P. (org) **A multivocalidade da arqueologia pública no Brasil** [recurso eletrônico] : comunidades, práticas e direito Criciúma, SC : UNESC, 2017.
- GARCÉS, Claudia Leonor López et al . **Conversações desassossegadas**: diálogos sobre coleções etnográficas com o povo indígena Ka’apor. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém , v. 12, n. 3, p. 713-734, Dec. 2017